

LESÕES PATOLÓGICAS DA ESPOROTRICOSE FELINA – REVISÃO DE LITERATURA

Bruna da Silva Veira^{1*}, Mariana Leite Carvalho Santos¹, Nilian Oliveira da Silva¹ e Thaís Letícia Vieira Nascimento¹. Idelvânia dos Anjos Nonato², Paula Angelica Correia²

¹Discentes no Curso de Medicina Veterinária – Una Barreiro - Belo Horizonte/MG – Brasil – *contato: brunavsilva40@gmail.com

²Docentes do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - Una – Barreiro - Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose causada por fungos do gênero *Sporothrix*, que afeta tanto animais quanto humanos¹. No Brasil, o agente predominante é o *Sporothrix brasiliensis*, uma espécie altamente virulenta¹.

Nesse contexto, destaca-se os gatos domésticos no ponto central da cadeia epidemiológica da doença². A transmissão ocorre principalmente quando o fungo entra em ferimentos provocados por arranhaduras, mordeduras ou contato direto com lesões infectadas³.

Nos últimos anos, a esporotricose felina tornou-se uma zoonose de grande relevância em estados como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Rio Grande do Sul⁴. O aumento de casos está relacionado à proximidade entre gatos e humanos, à dificuldade de diagnóstico precoce e à resistência do fungo aos tratamentos convencionais.

Diante disso, objetiva-se a partir dos estudos já apresentados esclarecer o caminho da doença aspectos, sintomas, formas de contágio para melhor identificação do problema e, assim propor diretrizes para novos tratamentos a fim de obter eficácia nos resultados melhorando a vida dos felinos, com isso contribuindo para o bem-estar de felinos e humanos.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e descritiva, desenvolvida com o objetivo de reunir, analisar e discutir informações científicas sobre a esporotricose felina, enfatizando aspectos patológicos, clínicos, histopatológico e/ou epidemiológico. A revisão foi realizada a partir de publicações em periódicos como SCIELO (Scientific Electronic Library Online), Google acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. Foram pesquisados artigos científicos, dissertações e teses publicadas entre 2004 e 2023, abordando avanços diagnósticos, terapêuticos e clínico-epidemiológicos em esporotricose felina. Optou-se por aspectos de relevância científica e informações atualizadas.

As palavras-chave utilizadas para a confecção deste trabalho foram: esporotricose, diagnóstico, infecção, felinos, zoonoses.

REVISÃO DO TEMA

A infecção inicia quando o fungo penetra na pele por meio de ferimentos, desencadeando uma reação inflamatória local que pode se estender pelos vasos linfáticos⁵. Após um período de incubação que varia de 3 a 84 dias, surge um nódulo geralmente indolor, que evolui para uma lesão ulcerada com exsudato purulento ou hemorrágico⁶.

Microscopicamente, observa-se ulceração da epiderme e reação inflamatória intensa, formada por neutrófilos, macrófagos e células multinucleadas, caracterizando um processo piogranulomatoso⁷. Estudos histológicos em felinos com esporotricose identificaram áreas

extensas de necrose associadas à presença de leveduras típicas de *Sporothrix* dentro de macrófagos⁸.

As formas leveduriformes, arredondadas ou alongadas (“em forma de charuto”), podem ser visualizadas em colorações especiais, como ácido periódico-Schiff (PAS) e metenamina de prata de Grocott, que destacam o halo claro e o núcleo basofílico característico do fungo⁹. A elevada carga fúngica nas lesões cutâneas felinas contribui para o potencial zoonótico da doença¹⁰.

Nos casos avançados, o fungo pode atingir camadas mais profundas da pele, músculos e linfonodos regionais, resultando em disseminação sistêmica^{11,8}. A forma disseminada tende a ocorrer em animais imunocomprometidos ou tratados de forma inadequada.

A sintomatologia varia de acordo com a extensão e o tempo de evolução da doença. A forma cutânea é a mais comum, caracterizada por lesões ulceradas com exsudato purulento e bordas elevadas¹². Essas lesões aparecem principalmente em regiões expostas durante brigas, como orelhas, cauda e membros anteriores¹.

O envolvimento de mucosas, especialmente nasal e oral, é frequente, causando secreção nasal, espirros e, em alguns casos, dispneia⁵. Quando há acometimento respiratório, o prognóstico tende a ser reservado, associado à forma disseminada da doença¹³.

Além das manifestações cutâneas, podem ocorrer sinais sistêmicos como anorexia, desidratação, apatia e perda de peso¹⁰. Em necropsias, observam-se lesões nodulares ulceradas, áreas de necrose profunda e linfadenomegalia acentuada, principalmente nos linfonodos próximos às regiões acometidas⁹, confirmando o caráter invasivo da micose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose felina constitui um importante desafio para a saúde pública e a medicina veterinária no Brasil, devido a sua alta capacidade de disseminação e às dificuldades no diagnóstico e tratamento. O aprofundamento do conhecimento sobre as lesões patológicas e os mecanismos de transmissão é essencial para o controle efetivo da zoonose.

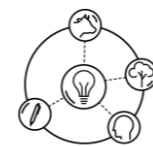
Diante disso, conclui-se que a integração entre ciência, educação e políticas públicas é essencial para conter a disseminação da esporotricose felina e reduzir seus impactos sobre a saúde coletiva. Acredita-se que a união desses poderá equilibrar a relação entre humanos e animais a fim de combater essa zoonose.

REFERÊNCIAS

¹MASOTI, T. B.; FREITAS, F. S.; XAVIER, I. S. **Esporotricose em felinos**. Revista Científica Unilago, v. 1, n. 2, p. 45–58, 2023.

²BISON, I.; PARENTONI, R. N.; BRASIL, A. W. L. **Metanálise de esporotricose felina: um destaque para sua ocorrência no Brasil**. Ars Veterinária, v. 36, n. 4, p. 301–315, 2020.

XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente



³GREMIÃO, I. D. F. et al. **Zoonotic epidemic of sporotrichosis: cat to human transmission.** *PLOS Pathogens*, v. 13, n. 1, p. 2–8, 2017.

⁴ARAUJO, A. K. L. et al. **Esporotricose felina e humana – relato de um caso zoonótico.** *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal*, v. 14, n. 2, p. 237–247, 2020.

⁵XAVIER, M. O. et al. **Esporotricose em gatos e humanos no Rio Grande do Sul: estudo clínico e epidemiológico.** *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, v. 37, n. 6, p. 464–468, 2004.

XAVIER, M. O. et al. **Esporotricose felina com envolvimento humano na cidade de Pelotas, RS, Brasil.** *Ciência Rural*, v. 34, n. 6, p. 1961–1964, 2004.

⁶SANTOS, Á. F.; VAZ, A. F. M. **Análise clínico-laboratorial de um felino com esporotricose cutânea.** *Revista Ciência Animal*, v. 29, n. 3, p. 90–97, 2021.

⁷LARSSON, C. E. **Esporotricose.** *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, v. 48, n. 3, p. 250–259, 2011.

LARSSON, C. E. **Esporotricose felina e humana: uma importante zoonose emergente.** *Clínica Veterinária*, n. 93, p. 44–54, 2011.

⁸SILVA, E. R. et al. **Esporotricose felina: revisão sobre diagnóstico e patogênese.** *Arquivos de Pesquisa Animal*, v. 7, n. 2, p. 113–123, 2022.

SANTOS, C. F. **Esporotricose felina: aspectos clínicos e terapêuticos.** *Revista de Medicina Veterinária e Zootecnia da UNESP*, v. 26, n. 1, p. 89–98, 2019.

⁹SILVA, F. S. C. et al. **Esporotricose felina refratária: uma análise comparativa sobre os aspectos clínico, histopatológico e citopatológico.** *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 42, p. 1–10, 2022.

¹⁰SANTOS, Á. F. **Esporotricose felina: distribuição das lesões e caracterização anatomopatológica em gatos utilizando diversos métodos de diagnóstico.** 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Á. F.; VAZ, A. F. M. **Análise clínico-laboratorial de um felino com esporotricose cutânea.** *Revista Ciência Animal*, v. 29, n. 3, p. 90–97, 2021.

¹¹BISON, I.; PARENTONI, R. N.; BRASIL, A. W. L. **Metanálise de esporotricose felina: um destaque para sua ocorrência no Brasil.** *Ars Veterinária*, v. 36, n. 4, p. 301–315, 2020.

¹²SERRANO, L. D.; SANTOS, M. V. P.; CAMPLESSI, A. C. **Esporotricose felina associada à dermatofitose secundária: relato de caso.** *Ars Veterinaria*, v. 38, n. 2, p. 72–78, 2022.

¹³MASOTI, A. M.; FREITAS, D. F. S.; XAVIER, M. O. **Esporotricose felina: revisão sobre epidemiologia, diagnóstico e controle da zoonose.** *Research, Society and Development*, v. 12, n. 3, p. e011239387, 2023.